

CAMANÉ TEXTO PARA A PROMOÇÃO

Vivem tempos difíceis quantos precisem de respirar a pureza e a profundidade da criação artística. Tanta mediocridade promovida para moldar e contentar gerações inteiras, tantos talentos desperdiçados em nome de modas levianas, estéreis e efêmeras, tanto vazio - como é difícil suportar este vazio !

Por isso eu quero estar, sempre que posso, onde aconteça qualquer coisa.

A música, não só a música popular ou de grande consumo, todas as músicas foram arrebatadas num turbilhão em que a pressa de vencer o outro prevalece sobre a urgência da entrega ao outro, em que os sons já não são bem sons, mas uma espécie de ruído de fundo onde pouco ou nada se distingue e consegue captar - seja bom, seja mau, seja assim-assim. Turbilhão de sons transformados em imagens rápidas, quase subliminares, gratuitamente agressivas, em imagens que ocupam o nosso espaço livre, o nosso tempo livre. O nosso tempo e o nosso espaço estão prisioneiros e eu sofro um insuportável sentimento de perda todos os dias.

Por isso quero estar, sempre que posso, onde haja algum alimento para esta fome.

Conheço o Camané há relativamente pouco tempo. Apercebi-me do seu imenso talento ao presenciar, aos domingos à noite, na casa da Comuna, à Praça de Espanha, as noites de fado que manteve acesas, durante vários meses, com a sua mulher e também fadista, Aldina Duarte, e com dois excelentes músicos de fado, o Paulo Parreira (guitarra) e o Carlos Manuel (viola).

Reconheci no Camané, quase de chofre, as qualidades raras de um grande intérprete. E depois, conhecendo-o, percebi que não é homem para se querer deixar estragar pelas pressas, nem pelas cumplicidades baratas dos copos, nem pelas vacuidades que a incultura militante promove como *ersatz* de cultura. Embora ainda jovem, percebi o homem já muito vivido e sofrido, que (sem falar dos dotes vocais e/ou técnicos de interpretação) não consegue cantar de qualquer maneira, nem a qualquer hora, nem para qualquer "serviço" - mas que se põe inteiro no que canta, seja o que for que cante. O Camané é, como raros exemplos que conheço, um canto vivo, e que só vivo consegue ser canto. Aproximei-me dele com o olhar deslumbrado que se tem para o diamante, o jeito cuidadoso que se tem para o recém-nascido, a alegria comovida com que olhamos uma flor.

Quando ele próprio me abordou no sentido de com ele colaborar na produção do seu disco, na consolidação do seu repertório e, mesmo, no lançamento das bases de uma carreira profissional a longo prazo, não hesitei um segundo. Mas, mesmo assim, disse-lhe, de entrada, o que sempre digo a quem me pede essas cumplicidades - que é o que digo acima, nos dois primeiros parágrafos deste texto, e mais qualquer coisa: o mundo em que cantamos agora está tão distraído,

mal nos ouve, e nós próprios, para não nos perdermos, temos - todos os dias - de tirar tanto lixo despejado à porta da nossa casa ! Abençoado progresso tecnológico que, embora não totalmente, nos vai permitindo registar (em discos, videos, filmes, livros e disquetes) os momentos vividos que escapam ao desastre.

Quando oiço cantar o Camané - como ainda ontem à noite ouvi - só me vem à ideia aquela resposta do Paco de Lucia ao crítico japonês que, no último andar de um hotel de Tóquio, lhe perguntava "Para si, o que é criar ?", e ele respondeu: "Criar... é eu agora abrir esta janela, atirar-me e voar".

Fim do documento.2